

O QUE PODE UM DISCURSO?
CULTURA, SUJEITO
E RESISTÊNCIA

Conselho Editorial

Viviane Bengezen – UFCAT, Goiás, Brasil

Dilma Mello – UFU, Minas Gerais, Brasil

Divanize Carbonieri – UFMT, Mato Grosso, Brasil

Grenissa Stafuzza – UFCAT, Goiás, Brasil

Ivan Marcos Ribeiro – UFU, Minas Gerais, Brasil

Leonardo Francisco Soares – UFU

Luciana Borges – UFCAT, Goiás, Brasil

Mariano Dubin – UNLP, Buenos Aires, Argentina

Mariana Mastrella-de-Andrade – UnB, Brasília, Brasil

Shaun Murphy – USASK, Saskatchewan, Canada

Tania Ramos – UFSC, Santa Catarina, Brasil

Antônio Fernandes Jr.
Bruno Gonçalves Borges
Guilherme Figueira-Borges
(organizadores)

O QUE PODE UM DISCURSO?
CULTURA, SUJEITO
E RESISTÊNCIA

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O que pode um discurso? [livro eletrônico] : cultura, sujeito e resistência / Antônio Fernandes Jr., Bruno Gonçalves Borges, Guilherme Figueira-Borges (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024.– (Linguagem, Cultura, Identidade)

ePub

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-844-9

1. Análise de discurso 2. Crítica literária 3. Diálogos
4. Discursos literários 5. Professores I. Fernandes Jr., Antônio.
II. Borges, Bruno Gonçalves. III. Figueira-Borges, Guilherme.
IV. Série.

24-221320

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Crítica literária 801.95

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: do autor

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 4

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento
parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

DECLARAÇÃO 9

Apresentação

O QUE PODE UM DISCURSO? CULTURA,
SUJEITO E RESISTÊNCIA 11

*Antônio Fernandes Júnior, Bruno Gonçalves Borges,
Guilherme Figueira-Borges*

FALAR COMO UM HOMEM... DISCURSO
DE ÓDIO E RETÓRICA HOMOFÓBICA 25

Carlos Piovezani

CULTURA E TEOLOGIA DA NUDEZ: DISCURSO,
IMAGEM, PULSÃO MASCULINA. 45

Lucas Nascimento

DELEUZE-GUATTARI-FOUCAULT, O DISCURSO,
O CORPO E A PRISÃO FEMININA NA LITERATURA. 69

Júlia Almeida

DISCURSIVIDADE N'A CARNE: SUBJETIVAÇÃO E RESISTÊNCIA NO CORPO E NA VOZ DE ELZA SOARES.	91
<i>Maria Luiza Rosa Barbosa, Sandro Braga</i>	
SUJEITOS EM AmarElo: PRÁTICAS DE SI COMO FORMAS DE/PARA UMA ÉTICA DA (RE)EXISTÊNCIA	115
<i>Vinícius Durval Dorne</i>	
A CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA E A POLÍTICA DOS AFETOS NO ARQUIVO DE BRASILIDADE	129
<i>Pedro Henrique Varoni de Carvalho</i>	
A DIMENSÃO DO LINGUAGIR NA LÍNGUA MENOR: POR QUE CORTAR E ATRAVESSAR AS COORDENADAS SIGNIFICANTES DE UM MUNDO NORMAL?.	157
<i>Alexandre Filordi de Carvalho</i>	
ARQUIFORMAÇÃO DISCURSIVA, DISCURSO HIPÓCRITA E DISCURSO CÍNICO	181
<i>Luís Fernando Bulhões Figueira</i>	
DIÁLOGOS ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO PECHEUTIANA E O PENSAMENTO DECOLONIAL.	209
<i>Cristiane Carvalho de Paula Brito, Thyago Madeira França</i>	
A PARAÍBA, O PARAÍBA E OS PARAIBANOS: O QUE PODE O DISCURSO DICIONARÍSTICO?	233
<i>Emília Tavares, Amanda Braga</i>	
O QUE PODE UM DISCURSO SOBRE A DOCÊNCIA? O DIA DOS PROFESSORES NA MÍDIA	259
<i>Mariana Batista do Nascimento Silva</i>	


A DESOBEDIÊNCIA COMO PRÁTICA DISCURSIVA NAS RELAÇÕES DE PODER-SABER NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS	273
<i>Mônica Chagas, Pedro Navarro</i>	
AS COERÇÕES DO DIZER LIVREMENTE: CONFRONTOS E ACORDOS	301
<i>Felipe Masquio de Souza, Vanice Sargentini</i>	
O ENUNCIADO POÉTICO “PECADO ORIGINAL” E SEUS POSSÍVEIS DIÁLOGOS	321
<i>Clécio Luis Gonçalves de Oliveira; Grenissa Stafuzza</i>	
BALANÇO FINAL.	349
SOBRE NÓS.	351

D ECLARAÇÃO

Declaramos ser esta coletânea a confluência de coisas distintas, uma composição de forças múltiplas que vem de todos os lados, uma proliferação de possíveis. Para dizermos o que pode um discurso, só pudemos chegar a alguma consideração quando entendemos que ele é, nele mesmo, produtor e produto do real e não mera interpretação dele. A disjunção, a irrupção, o desconcerto, portanto, se avizinham à composição, à conexão e à conjunção e, assim, dão conta de expressar o mundo e a vida no mundo. A quem se sentir desafiado a percorrer suas páginas, avisamos que esta coletânea tem vários modos de leitura. O mais evidente deles é o que se formaliza no sumário, com capítulos que vão de um a catorze. Há também o zero que é justamente esta declaração, o balanço que encerra a coletânea e as reticências que usamos para apresentar os nós (somos) ou os nós (pontos) que compuseram os textos aqui apresentados. Do primeiro ao último textos não há um sentido de evolução, pelo contrário, os numerais indicam uma dinâmica que não reflete a ordem do livro, pois ao partirmos do zero às reticências indicamos que o que fizemos foi capturar um certo número de coisas, temas, análises que não cessam em se produzir, fazendo com que a sequência seja mera consequência dos afetos que nos atravessaram segundo a temporalidade espontânea causada

por cada texto. É possível também ler a coletânea seguindo o seu subtítulo: cultura, sujeito e resistência, o que exigirá maior atenção, pois, todos os textos atravessam um, dois ou os três termos em destaque, não sendo possível determinar ao que cada um responde. Outra incursão pode se dar pela temática dos enunciados: a música, a educação, as relações sociais, de gênero, de classe etc. Pode-se ainda ler a partir do interesse pelos interlocutores das análises: Pêcheux, Foucault, Deleuze, Guattari... que não estão reunidos em blocos, pois sabemos que não é o caso de se produzir maciços epistemológicos, mas de promover as ligações variadas entre as teorias, seus criadores e os nossos problemas sempre atuais. Logo, a lógica que atravessa e constituiu esta coletânea foi a do sensível. Ao receber cada texto, foi-se encontrando lugar para ele entre os outros, avizinhando-o até que chegássemos ao fim com uma bela composição. Declaramos, por fim, que estamos felizes com o resultado a que chegamos e, que, quem nas mãos tomar este livro, se deixe afetar por ele.

Organizadores

 Apresentação
QUE PODE UM DISCURSO?
CULTURA, SUJEITO E RESISTÊNCIA

Antônio Fernandes Júnior
Bruno Gonçalves Borges
Guilherme Figueira-Borges

Um discurso pode des-construir (im)possíveis realidades por meio de um intenso trabalho sobre o funcionamento da língua(gem), em suas diferentes formas de manifestação (verbal, visual, sonora, corporal etc.). Nesse sentido, delineia-se que ele não apenas descreve a realidade, mas institui zonas de força e de captura e, por isso, o discurso demarca desejo/poder sobre os quais os sujeitos almejam se apoderar (Foucault 1971[1996]). Esta é a resposta para a questão que conduziu nosso livro. Não é preciso chegar ao seu final para tal constatação. Ainda que saibamos que nossos leitores já suspeitassem disso ou partissem do princípio de que a superfície e não apenas a pretensa profundidade também pode ser imperceptível, pareceu-nos necessário delinear nosso ponto de partida. Logo, sendo este o início e não o final da obra, com este anúncio pretendemos nos desobrigar de produzir uma justificativa e nos dedicar exclusivamente à promoção de uma experimentação, não da questão, mas do problema que constituiu nossa proposta. Se

uma questão exige uma resposta é porque ela já contém um conjunto de elementos condicionantes. Como disse Deleuze (1977[1998, p. 9]), “as questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer”. As questões estão, nesse sentido, inscritas sócio e historicamente e delimitadas por interpelações do momento presente. A questão de pensar o que pode um discurso é balizada por chaves interpretativas que nos conduzem a pensar, foucaultianamente, o que somos nós hoje (Foucault 1995). Para Gros (1995, p. 177), essa pergunta que parece “banal” se direciona, na realidade, a pensar “qual é esta historicidade que nos atravessa e nos constitui?”. Assim, lançar o olhar para a constituição/construção do sujeito deve ser designado enquanto um ponto norteador para as pesquisas do/no campo discursivo.

Assim, ao fazermos a pergunta do título dessa coletânea, já delimitamos de algum modo o que será respondido e isso nada tem a ver com opinião que é um conteúdo e uma forma de expressão da resposta. Ao perguntarmos o que alguém entende por crise climática e sua resposta for: eu não gosto da cor rosa da sua camisa, obviamente, diremos, no mínimo, que ela se furtou à questão, para não dizer, que ela pode estar em devaneio, em outros mundos. Para usar o mesmo exemplo, se perguntamos a essa pessoa o que ela entende por crise climática, suas consequências para a biosfera, para o aumento da pobreza e da fome, diante de um cenário em que países ricos insistem em manter um padrão de consumo insustentável e países pobres são pressionados, em consequência disso, a manter processos de degradação da natureza, é possível que já tenhamos a resposta antes mesmo dela ser comunicada, seja ela consoante às minhas expectativas ou contrária a elas.

Como aprendemos com Deleuze (1998, p. 9), “a arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um

problema, uma posição de problema, antes de se encontrar a solução”. Um problema, portanto, precisa ser inventado. Inventado, claro, a partir de alguma coisa, mas inventado, ou seja, invenção como fabricação de textos e sujeitos. Logo, enquanto a questão é dada, o problema é criado. Nesse sentido, propomos aqui partir de uma problemática, um conjunto de problemas possíveis, criada em torno do que pode um discurso, pergunta que se atualiza constantemente diante da necessidade sempre atual de se promover análises discursivas e que toma corpo nos operativos da cultura, do sujeito e da resistência.

Mas, por que cultura, sujeito e resistência? Obviamente, não se trata de uma frase aleatória. Não são palavras soltas. Mas, também não é uma composição automática. Não se trata de uma consequência, mas, possivelmente, de uma concorrência. A sua composição se dá por um processo de redundância mais do que de condensação. Explicamos: podemos, diante dessa frase, sugerir que o sujeito resiste na cultura, ou que o sujeito resiste à cultura, ou que a partir da cultura, o sujeito existe e é impelido pela resistência a continuar a existir, a reexistir ou criar uma nova existência. Mas, essas são apenas algumas das muitas sugestões possíveis e, todas elas, assim como todas as que não foram mencionadas aqui são viáveis na medida em que somos mobilizados, a partir das condições históricas em que somos constituídos, pelas contingências que não permitem nos constituirmos em outra coisa e por todas as ligações possíveis entre esses polos, a “interagir” com essa frase.

Interagir é o modo pelo qual afirmamos a impossibilidade de sermos alheios a qualquer coisa que se apresente diante de nós, pois mesmo a indiferença é uma atitude, ainda que atitude reativa, que exige do sujeito certa disposição. Essa afirmação fazemos com apoio de certa tradição, especialmente, aquela inscrita a partir de Spinoza, Schopenhauer, Kierkegaard, Nietzsche e uma sucessão de outros nomes que, apesar de não comportar uma teoria comum, guarda uma porção recorrente

que anima a compreensão acerca do sujeito e, que, aqui, relacionamos aos estudos de discurso.

Das três palavras que compõem a frase em questão, a última, sabemos, é bastante peculiar frente às outras duas. Resistência, substantivo abstrato, mesmo quando empregado de forma concreta (no caso do equipamento de eletricidade) é uma forma de expressão e não uma forma de conteúdo. Cultura, pode ser tanto substantivo abstrato como concreto e sujeito pode ser o nome de um indivíduo indeterminado, mas também a condição dele enquanto sujeito na história. Segundo Foucault (1995, p. 235), “há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência. E preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito”. Este ponto de vista nos direciona a pensar os sujeitos inscritos em exercícios de poder e, de forma correlata, em práticas de resistência.

Resistir, verbo no infinitivo, é um objetivo, mas mesmo ele é provisório, pois resistir exige o complemento “a quê”, “a quem”. Esse complemento nos direciona a uma metodologia de análise foucaultiana que desloca o olhar do poder para as resistências, pois ao olhar para as resistências teremos condições de entender o funcionamento das relações de poder, cujo alcance incide sobre determinados corpos e não outros (“a quem”), a determinadas condutas e não outras (“a que”). As resistências desnudam as relações de poder. Mas, por que resistência parece ser a palavra forte de nossa frase? Parece-nos que ela é portadora de alguma urgência e que é dotada de uma atualidade constante e ao mesmo tempo ela se dirige à indignação, a indignação do tempo presente, ao tempo do não mais e do ainda não, que Hannah Arendt encontra e apresenta na tese que fez sobre o amor em Santo Agostinho.

O tempo presente é, a um só lance, o tempo em suspenso e o tempo do acontecimento.¹ É de onde a cultura se erradia e alcança o passado (na formalização da tradição) e o futuro (na produção do [im]possível). Não por acaso, o único tempo que se tem, o presente, também pode ser convertido em um intervalo, em uma atitude reativa (calcada na espera ou na espreita).

Pensar o sujeito inscrito na cultura ou em distintas práticas culturais² implica colocar em relevo o descentramento do sujeito no tempo presente. O sujeito se constitui em uma pluralidade de identidades culturais que não podem mais ser consideradas uniformes e coerentes, elas devem ser analisadas, pelo contrário, evidenciando aspectos de fragmentação, de contradição, de deslocamento/moviência e, sobretudo, de crise (Hall, 1992[2006]). As crises de identidade causam rupturas no que os sujeitos podem e devem enunciar, compreender, interpretar, dentre outros, fazendo emergir outras subjetividades. Pode-se dizer que, por a identidade ter a crise enquanto um de seus aspectos constituintes, a resistência emerge enquanto possibilidade histórica de romper com lugares fixos e cristalizados. Com isso, reforçamos o entrelaçamento conceitual entre sujeito, cultura e resistência dentro dos estudos discursivos e nos textos que compõem esse livro.

É sobre essas questões que orbitam em torno de sujeito, cultura e resistência que as análises produzidas no conjunto desta coletânea respondem, seja do ponto de vista teórico-metodológico, com as diferentes proposições que vislumbram

-
1. Sugerimos a leitura de *Matéria e Memória* (1896[2010]) de Henri Bergson (1859-1941) para o aprofundamento da perspectiva apresentada aqui sobre a temporalidade, duração, acontecimento e outros conceitos pertinentes. Edição brasileira da WMF Martins Fontes, traduzida por Paulo Neves (2010, 4ª edição).
 2. Embora o uso da palavra “cultura” esteja no singular, nossa abordagem não a toma como significado fixo, mas numa acepção que contemple fluxos e práticas culturais produzidas historicamente.

o desenvolvimento permanente da área de análise de discurso, seja do ponto de vista prático-objetivo, com os resultados das incursões igualmente variadas e pertinentes sobre os temas mais atuais em curso. À nossa pergunta-problema se relaciona, portanto, constantemente, uma dupla captura intensiva do real – da área e do *socius*. E, a partir desse momento, já podemos estabelecer um sobrevoo sobre as temáticas dos capítulos que compõem esta coletânea.

Nessa direção, Carlos Piovezani (2022) com *O que pode um discurso de ódio e uma retórica homofóbica* é responsável por uma dupla captura do campo dos estudos de discurso: uma teórico-metodológica e outra prático-discursivo-social. A primeira diz respeito à relação que ele apresenta entre a “longa tradição retórica e os estudos discursivos” em busca de uma fundamentação para a investigação no campo da linguagem a partir de seus usos histórico e social. O passeio epistemológico que promove à companhia de Aristóteles e Cícero para abordar a arte retórica pavimenta o caminho para, mais adiante, compreender como esse recurso é crucial nas formações fascistas, neofascistas e protofascistas do passado e dos dias de hoje, acompanhadas das leituras contemporâneas de Eco, Faye e dos estudos mais recentes do campo de modo a compreender a estrutura e a prática subsequente.

A segunda contribuição que temos a partir do texto de Piovezani (2022) se materializa na análise que faz ao introduzir, no jogo entre retórica e discurso, o “outro”, “o inimigo comum” que é próprio dos regimes autoritários e, que elegeu as populações LGBTQIA+ de modo nunca visto na história. Piovezani (2022) analisa os enunciados produzidos a partir dos discursos do Presidente da República como expressão da retórica homofóbica, que aqui, pode ser a formalização do ódio – e na verdade é, mas também, funciona como mais um dispositivo no conjunto de práticas dissimuladoras que tem sido comum no

governo federal desde 2019 a fim de não governar o governo, mas de tentar governar as almas.

A confluência de ambos os planos operados por Piovezani (2022) nos alerta para duas urgências registradas por ele mesmo: a necessidade de resistir e reexistir frente ao desejo de um poder opressor e, a intensificação dos trabalhos de análise do discurso como ferramentas de compreensão que possibilitem a resistência, fazendo com que não percamos de vista a opressão e, que, sabendo identificá-la, possamos lutar contra ela.

Se o fascismo e o machismo se coadunam na retórica homofóbica, a sua relação é mais profunda e fluida do que uma mera relação de causa e consequência. Com Lucas Nascimento (2022) em *Cultura e teologia da nudez: discurso, imagem, pulsão masculina* podemos nos aproximar de uma chave de leitura que incursiona a *scientia sexualis* a partir da intersecção entre a análise do discurso, a psicanálise e a filosofia e operada segundo uma lógica teológica aplicada ao léxico “nudez” que vai “do sagrado ao profano” e, que é capaz de nos apresentar um complexo panorama do masculino segundo a produção de imagens. Nascimento (2022), a partir de uma incursão investigativa potente, propõe uma análise imagética não apenas como fonte de informação, mas como a própria informação a ser analisada, de modo que o conjunto de imagens apresentadas, sejam tomados como compósitos da própria materialidade discursiva. Contudo, o autor não deixa de alertar sobre a necessidade e indispensabilidade da posição-sujeito-leitor, única capaz de produzir a imagem e o sentido que com ela emana-se e se efetua no que chamamos realidade.

Júlia Almeida (2022) no capítulo *Deleuze-Guattari-Foucault, o discurso, o corpo e a prisão feminina na literatura* propõe uma articulação entre a arqueogenealogia de Foucault e o que ela chama de filosofia do discurso de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de modo a propiciar a *entrada nos processos*

de enunciação coletiva e as subsequentes relações com os dispositivos, o discursivo e o não-discursivo para compreender o século XX e, por que não, o século XXI. Para tanto, a autora faz ao mesmo tempo, essa proposta teórica e a análise da mulher na literatura, de modo que a um só lance tenhamos os ganhos teóricos e o exercício metodológico com o texto.

Ainda sob este mesmo contexto de que somos produtos e (re)produtores, marcado por uma série de imperativos que se materializam nos discursos e nas práticas em que esses se engendram, Maria Luiza Rosa Barbosa e Sandro Braga (2022) analisam a *Discursividade N'A carne: subjetivação e resistência no corpo e na voz de Elza Soares*. Uma potente investigação da resistência que se funde ao sujeito por meio da arte e expressa na questão: *o que pode um discurso literomusical?* A análise acerca da música de Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti interpretada por Elza Soares (1937-2022) toma a um só lance a relevância da letra e melodia pensadas em seu contexto original e o (re)potencialização a que são postas quando da releitura produzida por Elza Soares. Enfim, a letra e a melodia, encontraram, segundo Barbosa e Braga (2022), a voz da intérprete, produzindo um novo *contorno* que foi capaz de encontrar um outro lugar para a luta no campo social, que vai em todas as direções possíveis e a partir de todas as condições existentes permeada pelos agravos da ideológica, política e econômica e dos graves da voz de quem canta o mundo em que se vive.

Lançando o olhar para a constituição do sujeito, temos o capítulo intitulado *Sujeitos em AmarElo: práticas de si como formas de/para uma ética da (re)existência*, de Vinícius Durval Dorne (2022). Este capítulo tem por objetivo analisar discursivamente o videoclipe “AmarElo” (Emicida, 2019), do rapper Emicida, com participações das artistas Pabllo Vittar e Majur, buscando delinear como são discursivizadas as práticas

de si na constituição dos sujeitos em um contexto em que a vida é a própria graça e desgraça do porquê de existir.

No capítulo intitulado *A canção popular Brasileira e a política dos afetos no arquivo de brasilidade*, Pedro Henrique Varoni de Carvalho (2022) propõe um diálogo teórico entre a semiótica da canção, teoria produzida por Luiz Tatit, e a perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos para pensar o objeto canção popular brasileira por um ponto de vista arqueológico e genealógico. Esse diálogo teórico, segundo o autor, apresenta uma contribuição singular para os estudos que se debruçam sobre a canção popular brasileira por um ponto de vista discursivo, considerando a singularidade da narrativa histórica da canção no arquivo de brasilidade.

No Capítulo *A dimensão do linguagir na língua menor: por que cortar e atravessar as coordenadas significantes de um mundo normal?*, Alexandre Filordi de Carvalho (2022) promove uma aventura pelo pensamento de Deleuze e Guattari, com atenção especial ao segundo, em interação com uma série de pensadores que nos ajudam a compreender a proposta em curso de pensar um novo lugar para a língua, uma *língua menor*, feita de/em desterritorialização e reterritorialização constantes, que opera signos e regimes significantes por meio de cortes e atravessamentos, que se efetuam em um *linguagir* permanentemente em movimento, produtor e vivificante do real, conceitos que, certamente, inspiraram à leitura do texto.

Nesse mesmo fluxo criativo-inventivo também se encontra o texto de Luis Fernando Bulhões Figueira (2022) intitulado *Arquiformação discursiva, discurso hipócrita e discurso cínico*, que se propõe a ressignificar a *noção de formação discursiva* segundo o critério de que há formações dominantes, quase estáticas que se consolidam no imaginário do sujeito e que o autor denominou AFD, sigla para arquiformação discursiva. Ao analisar os discursos hipócrita e cínico, Figueira (2022) chega à conclusão de que do primeiro resulta o mascaramento

e, do segundo, o descaramento do real, em que o efeito-sujeito em ambos caracteriza o que há de mais atual nos discursos contemporâneos e, portanto, igualmente carente de atenção por parte da análise de discurso tendo em vista contribuir para a compreensão do mundo em que vivemos.

E, é nesta mesma direção, a de atualização dos instrumentos de (re)leitura de mundo, em especial, a que é feita sob os auspícios da análise de discurso, que nos presenteiam Cristiane Carvalho de Paula Brito e Thyago Madeira França (2022) com um texto dedicado a uma produzir uma interessante intersecção que recebeu o nome de *Diálogos entre a Análise do Discurso pecheutiana e o Pensamento Decolonial*. Tal intersecção, não deixam de registrar os autores do texto, é marcada por um complexo exercício de percepção e sensibilidade quanto ao que cada modo de pensamento é capaz de oferecer para a (re)leitura das condições/formações que constituem o campo social.

Por sua vez, mas ainda sob o mesmo terreno social, Emília Tavares e Amanda Braga (2022) problematizam o corpo que toma o verbete *paraíba* nos dicionários dos séculos XIX ao XXI, evidenciando o quanto ele é, historicamente, carregado de teor discriminatório. Sob o título *A Paraíba, o paraíba e os paraibanos: o que pode o discurso dicionarístico?* as autoras partem do fato agravante de que um presidente da república reforça o aspecto preconceituoso do termo, na contramão de todos os esforços civilizatórios que já havíamos conquistado e que desmoronaram no atual cenário político-social (o que se estende a negros, indígenas, mulheres, populações LGBTQIA+, pobres).

O poder do discurso dicionarístico, evidenciam Tavares e Braga (2022), é o de registrar e, portanto, o de manter a carga discriminatória do termo *paraíba*, que aliás, não pode ser tomado como mera captura do que é falado, usual ou consensuado, pois, sua construção é feita sob os sofrimentos, as exclusões e as invisibilidades do outro, é marcada pela violência, menosprezo

e indiferença diante de um conjunto da população que fez e faz este país cotidianamente. Com isso, ressaltam as autoras, os dicionários necessitam ter compromisso democrático, até mesmo porque, sem esse compromisso, até mesmo eles, junto à cultura e o conhecimento, podem ser alvo do desejo odioso de destruição do mundo.

Em meio a amplitude temática que tenta responder à questão *o que pode um discurso?* Temos ainda o registro de Mariana Batista do Nascimento Silva (2022) com a sua proposta de analisar a representação midiática do dia dos professores. Intitulado *O que pode um discurso sobre a docência? O dia dos professores na mídia*, Silva (2022) analisa a exposição em três publicações jornalísticas no dia dos professores, o discurso sobre a docência. Como resultado, ela destaca a presença sutil de discursos que concorreram para a formatação do que é a docência, como, por exemplo, o religioso, civilizatório/iluminista e, mais recentemente, o empresarial.

Já os pesquisadores Mônica Chagas e Pedro Navarro (2022), no capítulo intitulado *A Desobediência como Prática Discursiva nas Relações de Poder-Saber no Movimento Estudantil de Ocupação das Escolas*, analisam como os discursos dos sujeitos que ocuparam as escolas em outubro de 2016 representam uma prática de desobediência. Para tanto, há a inscrição na Análise do Discurso foucaultiana e, a partir das análises, constataram que o movimento de ocupação das escolas instaurou discursos de resistência inscritos em práticas de desobediência.

No capítulo *As Coerções do Dizer Livremente: Confrontos e acordos*, Felipe Masquio de Souza e Vanice Sargentini (2022) refletem sobre as coerções do dizer, lançando o olhar especificamente para o que se convencionou chamar como “cultura do cancelamento” e o “politicamente correto”, a partir da rede teórica foucaultiana. Os autores também trazem considerações sobre práticas discursivas em relação à noção de “lugar de fala” e, destacam, em suas análises, que essas

noções entram em causalidade com o conceito de “liberdade de expressão”, demarcando especificidades enunciativas, principalmente, nas redes sociais.

Fechando os estudos desta coletânea, está o capítulo intitulado *O enunciado poético “Pecado Original” e seus possíveis diálogos*, de Clécio Luis Gonçalves de Oliveira e Grenissa Stafuzza. Há o objetivo de analisar o poema de Álvaro de Campos, “Pecado Original”, enquanto um enunciado poético que desvela construções de sentido singulares. Os autores evidenciam, nas análises, como as relações dialógicas entre o eu e o outro são fundamentais para a constituição do sujeito na história.

A partir desta breve descrição dos capítulos, é possível perceber que, neste livro, há chaves de leitura possíveis a partir de referenciais teórico-metodológicos que suportam as diferentes incursões produzidas no campo da análise de discurso. De diferentes maneiras, os textos que compõem nossa coletânea se beneficiam das mais consistentes contribuições teóricas e práticas da pesquisa, resultando em uma variedade de perspectivas e epistemologias, sem contar com a mesma característica aplicada aos objetos analisados. Clássicos ou atuais, os aportes de cada texto repercutem a riqueza e atualidade que é fazer análise de discurso em um contexto de pluralidade de pensamento.

Enfim

É fato que nos dedicamos a analisar o problema do discurso e não a questão em si que dá título ao livro. Quanto a isso, nossos leitores poderiam nos acusar de incoerência teórica ou no mínimo falsa propaganda. Mas, explicamos: *O que pode um discurso?* De fato, é uma pergunta, e logo na introdução dissemos que não trataríamos de questões, mas, de problemas.

No entanto, o problema também exige uma formulação de pergunta. A diferença consiste na posição que ela ocupa no plano que criamos para produzir essa análise. Na questão, ela é o disparador e a conclusão: no fim chegamos aonde estávamos com a sensação de que tentamos encontrar uma saída (sem, na maioria das vezes, ter a encontrado); no problema, ela é o meio, a via pela qual efetuamos o processo de análise. E, nesse processo, não foi feita apenas uma questão, mas várias, até que pudéssemos ter, em vez de um retorno, uma saída real para nossas intenções: que discurso é poder! Ainda que seja substantivo (O poder) e talvez sobre ele recai a maior parte da atenção, ele é verbo (Poder) - transitivo direto e indireto e verbo transitivo direto, indireto e intransitivo. Pensar a transitividade no nível do funcionamento discursivo é relevante por colocar em destaque uma movência de sentido, requerida pela ordem do sistema, entre as palavras no todo oracional. Movência essa que também não cessa de produzir efeitos em nós que somos sujeitos de língua(gem).

Convidamos, por fim, pesquisadores, professores da rede básica, estudantes e demais interessados nos estudos do discurso a lerem os capítulos desta coletânea e estabelecerem diálogos que movimentem/desloquem saberes e poderes nas práticas acadêmico-sociais.

Referências

- BERGSON, Henri (1896[2010]). *Matéria e Memória*. 4ª ed. Trad. Paulo Neves São Paulo: WMF Martins Fontes.
- DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire (1977[1998]). *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta.
- FOUCAULT, Michel (1995). "O sujeito e o poder", in: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória*

filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.
Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense
Universitária, 1995, pp. 231-249.

FOUCAULT, Michel (1971[1996]). *A Ordem do Discurso*. Trad.
Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições
Loyola.

GROS, Frederic (1995). "Foucault e a questão do quem somos
nós?" *Tempo Social, Rev. Sociol.*, 7(1-2), pp. 175-178.

HALL, Stuart. (1992 [2006]). *Identidade Cultural na Pós-
modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira
Lopes Louro Rio de Janeiro: DP&A.